

Editorial – Música para existir, música para resistir...

Já no número inaugural desta Revista, evocamos Jacques Attali que, em sua obra *Ruídos* (Bruits 1977) apresenta um papel profético, a ser exercido pela música. Segundo o autor, para além de manifestação de natureza cultural e artística, a música nos permite entender nosso tempo, pois estabelece relações entre a história pública e a dinâmica da estética, cultura e organização social. Já o compositor R. Murray Schafer acredita que a paisagem sonora igualmente delinea a vida social na presentidade de seu tempo e confere a singularidade do espaço que ocupa, a partir de objetos sonoros e instrumentos musicais.

Este segundo volume pretende expandir esse pensamento, convidando à leitura e reflexão sobre duas funções que a música, em suas mais diversas formas de expressão e concepção estética: como *meio*, *mídia*, *canal* – dentre tantos vocábulos possíveis – para a preservação, memória, mas também como conflito e disputa. Porque a música concretiza formas de expressão, a partir de sua natureza particular, é capaz de configurar importantes traços de cada cultura.

Inspirados no tema – quase uma provocação – , neste número, os autores presentes desenvolveram estudos sobre dois temas principais. Um deles se centra nas relações entre gêneros musicais específicos e implicações de natureza diversa, como identidade, memória social, paisagem sonora e seu papel no sentido de estabelecer a coesão social ou, justamente o oposto: promover a contestação e a discórdia. A música como força para manutenção, resistência, a música como arma para combate. Outros autores foram à busca das instituições – de ensino,

particularmente –, para, a partir daí, apresentar uma análise sobre os aspectos de natureza burocrática e política que orientam não apenas a criação artística mas, antes disso, que pautam o pensamento que estipulam o lugar da música e das produções musicais nas culturas contemporâneas.

Já no número inaugural desta Revista, evocamos Jacques Attali que, em sua obra *Ruídos* (Bruits 1977) apresenta um papel profético, a ser exercido pela música. Segundo o autor, para além de manifestação de natureza cultural e artística, a música nos permite entender nosso tempo, pois estabelece relações entre a história pública e a dinâmica da estética, cultura e organização social. Já o compositor R. Murray Schafer acredita que a paisagem sonora igualmente delinea a vida social na presentidade de seu tempo e confere a singularidade do espaço que ocupa, a partir de objetos sonoros e instrumentos musicais.

Este segundo volume pretende expandir esse pensamento, convidando à leitura e reflexão sobre duas funções que a música, em suas mais diversas formas de expressão e concepção estética: como *meio*, *mídia*, *canal* – dentre tantos vocábulos possíveis – para a preservação, memória, mas também como conflito e disputa. Porque a música concretiza formas de expressão, a partir de sua natureza particular, é capaz de configurar importantes traços de cada cultura.

Inspirados no tema – quase uma provocação –, neste número, os autores presentes desenvolveram estudos sobre dois temas principais. Um deles se centra nas relações entre gêneros musicais específicos e implicações de natureza diversa, como identidade, memória social, paisagem sonora e seu papel no sentido de estabelecer a coesão social ou, justamente o oposto: promover a contestação e a discórdia. A música como força para manutenção, resistência, a música como arma para combate. Outros autores foram à busca das instituições – de ensino, particularmente –, para, a partir daí, apresentar uma análise sobre os aspectos de natureza burocrática e política que orientam não apenas a criação artística mas, antes disso, que pautam o pensamento que estipulam o lugar da música e das produções musicais nas culturas contemporâneas.

Em *Apurar cielos pretendo* Llorenç Barber e Montserrat Palacios relatam a experiência de algo que poder-se-ia considerar, sob certos aspectos como “intervenção no espaço urbano”, mas que se trata, antes de tudo, de uma nova prática de *arte sonora*. Barber já é conhecido desde a década de 1980, por extrair dos campanários das igrejas mais que badaladas: ele cria música. A composição resultante surge como uma outra maneira de ouvir as vozes da cidade. Como sugere em um documentário, a obra incita o passeante a ouvir a urbe, que se expressa pelo som das fontes, dos cristais e dos bronzes. Os *city concerts* levam as pessoas à rua para fruir de uma experiência estética que, sob certos aspectos, pode ser considerada não apenas uma nova configuração da paisagem sonora, mas também uma tomada do espaço urbano. Vivenciada em seu presente, a cidade reverbera no bronze dos sinos, as badaladas que narram o passado secular.

Se o aspecto ritualístico evocado pelos sinos das catedrais é desconstruído e reconfigurado por Barber, Ana Guiomar Rêgo Souza retoma, em *A Festa como lugar de memória, (re)construção de identidades e resistências*, a experiência místico-religiosa, a partir das memórias sonoras evocadas pelas escritoras goianas Cora Coralina, Ofélia Sócrates do Nascimento e Regina Lacerda. O texto, em tom ensaísta e de delicadeza poética, põe-se a escutar as narrativas e os sons da Semana Santa da Cidade de Goiás, inspirada nos conceitos de “lugar de memória” de Pierre Nora e de “lugar praticado” de Michel de Certeau.

Também inspirado nos mesmos teóricos, aos quais se somam Pollack e Halbwachs, em seu artigo *O Choro em Brasília: resistência, enfrentamento da ordem estabelecida e construção de um “lugar da memória”*, Magda de Miranda Clímaco analisa a permanência do gênero na capital federal. A autora aponta três momentos da trajetória do choro, desde a fundação da cidade. Para além da criação de uma memória coletiva, os “lugares da memória”, percebem-se “circunstâncias de resistência e enfrentamento da ordem estabelecida, com condições que permitiram a sua sobrevivência e força na cidade.”

Em *Música y construcción nacional en España: teatro musical, cine y música popular (1930-1936)*, Celsa Alonso se debruça sobre alguns dos signos da cultura popular (canções, cinema, teatro lírico) para avaliar em que medida estes foram significativos, no sentido de construir e negociar a identidade nacional espanhola, entre 1890 e 1936, época em que o país passa por importantes processos de modernização, no aspecto político, econômico e cultural. Apresenta o trânsito entre a *zarzuela* e suas variantes, suas imbricações com o cinema, teatro musical e gêneros estadunidenses, naquele período para analisar, em detalhe, como as formas de existência do cinema denotam polaridades como nacional/ cosmopolita, tradição/modernidade. Avalia a autora que com a instauração da II República, em 1931, a influência do cinema estadunidense se faria presente na preferência por gêneros humorísticos, na canção popular e no melodrama.

Ainda sobre o universo da música em língua castelhana, o estudo de Sergio Pujol se apoiará em um gênero musical de grande popularidade para, daí, verificar em que medida as manifestações musicais revelam informações importantes sobre as culturas das quais fazem parte. Em *De la nueva ola a la contestación. Memoria e historia de la música joven argentina entre 1963 y 1973* Pujol debruça-se sobre o período em que a música jovem argentina passa por mudanças radicais, que viriam a estabelecer as bases para uma cultura rock de viés contestatário, que perduraria durante todo o período da ditadura militar (1976-1983) e nos anos seguintes. O autor levanta algumas hipóteses sobre a origem desse fenômeno (a influência estética dos Beatles, ou dos músicos de outras afiliações, como Falú e Piazzolla). Pujol pondera que não se não há respostas conclusivas para tais questões, pelo menos, há pontos de articulação, sob o aspecto histórico-cultural que lançaram as bases da construção do rock argentino; faz-se

necessário “transcender os limites sentimentais da memória para se adentrar no território cada vez mais complexo e conflituoso da história”, afirma.

A segunda parte deste dossiê agrupa estudos que se estendem acerca das relações entre produção musical, formação escolar e disputas hegemônicas relacionadas às formas em que a(s) música(s) se faz(em) presente(s). Inicialmente, apresentamos o estudo de Franco Fabbri, *Os estudos sobre música popular na Itália: uma síntese histórica/política*. O autor desenvolve sua argumentação em torno de uma contradição inquietante: ainda que a Itália tenha produzido pesquisas sobre música popular pelo menos desde a década de 1960 e tenha sediado importantes congressos internacionais; ainda que pesquisadores italianos sejam reconhecidos internacionalmente, com assento em associações, conselhos editoriais, comitês científicos, os cursos de música popular foram sendo timidamente introduzidos nas universidades italianas entre o final dos anos 1900 e início dos anos 2000, abrigado em outras áreas do conhecimento (etnomusicologia, estudos de mídia e comunicação, sociologia). O texto apresenta um panorama dessa história muito particular.

Passando para o cenário brasileiro, três artigos discutem temas que têm pautado importantes discussões, nos últimos anos: a relação não raro conflituosa entre os campos de erudito/ popular/experimental e os estudos de gênero. Em *Sobre algumas origens negligenciadas da performance brasileira - o caso UnB*, Lucio Agra apresenta uma particularidade do Movimento Música Nova, a partir da figura de Rogério Duprat e sua atividade enquanto professor na Universidade de Brasília (UnB) acompanhado de outros integrantes do grupo. Agra analisa a importância do que decorreu nesse curto período, interrompido pelo Golpe de 1964. Ressalta Agra, ainda, a relevância do Maestro no movimento Tropicalista. Segundo o autor, os estudos sobre performance adviriam de ambos os campos de atuação de Duprat, quando atuante na UnB.

Eliana Monteiro da Silva e Amílcar Zani apresentam em *Música e memória: A atuação das mulheres nos Cursos Latinoamericanos de Música Contemporânea (1971-1989)*, dados parciais obtidos na pesquisa em andamento, que trata da atuação das mulheres nas quinze edições dos Cursos Latinoamericanos de Música Contemporânea (CLAMC), entre os anos de 1971 e 1989. O estudo se apoia nos estudos de gênero, sobre a música erudita na América Latina. A pesquisa parte do acervo pessoal de Graciela Paraskevaídís, com o objetivo recuperar a atuação das mulheres participantes no CLAMC, em suas várias instâncias. O artigo trata também da importância do CLAMC, para a construção da música erudita experimental e contemporânea com características próprias.

O texto em sequência aborda aspectos da temática de gênero aplicáveis à prática musical na contemporaneidade. Em *Escassez e excesso: a mulher e o palco musical*, a flautista Cássia Carrascoza Bonfim apresenta um texto autobiográfico que versa sobre aspectos profissionais das mulheres na cena musical. A partir de estudos de gênero de

Susan McClary e Lucy Green, a autora analisa sua experiência profissional como musicista, em diferentes cenários, colocando em pauta aspectos da prática e poéticas musicais.

A terceira e última parte mescla as atividades acadêmicas e experiências vividas por dois intelectuais e músicos brasileiros. Paulo C. Chagas, compositor brasileiro residente nos Estados Unidos há mais de uma década, relata em *Migração, melancolia e identidade no contexto do isolamento* (*Migration, Melancholy, and Identity in the Context of Isolation*) a sua experiência da migração, que acompanha toda a sua trajetória como indivíduo, compositor e pesquisador, a partir de memórias que datam da sua infância até os dias de hoje. O autor analisa o potencial ambivalente da migração e a liberdade do migrante, formulada por Flusser; migração serial, de Ossman e as poéticas de apego e de espaço, segundo Bachelard. O texto conclui com uma breve reflexão, suscitada pela pandemia do COVID-19, sobre a relação entre isolamento e a imensidão íntima do ser. Tendo em conta o atual panorama que atinge o planeta, globalmente, acreditamos que este texto sirva mais que um testemunho em primeira pessoa, mas também como fonte para reflexões, após a pandemia.

Motivado pela situação pela qual passa o Brasil, neste ano de 2020, André Guerra Cotta propõe em *Brasil e Auschwitz* uma reflexão sobre a opção, por parte da Presidência da República e seu entorno, pela adoção de diversos elementos simbólicos engendrados pelo nazifascismo, como marca de identidade político-ideológica. Como respostas críticas foram surgindo manifestações artísticas. Em seguida, o autor toma a experiência vivida durante a visita ao Memorial e Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau e, a partir daí, aborda o papel da arte como forma de manutenção da memória dos processos históricos e políticos. Avalia o autor que tais reflexões podem contribuir para o movimento de resistência contra os atuais grupos neofacistas no Brasil.

Concluindo este volume, apresentamos a entrevista “*Razão e forma de ser e estar na arte*”: uma entrevista com Maria João Serrão, conduzida por Fernando Magre, que brinda os leitores com um relato sobre a sua trajetória acadêmica e artística. Desde sempre comprometida com o novo, concebeu projetos culturais e educativos no Museu da Fundação Gulbenkian; suas parcerias com os compositores contemporâneos eruditos; a cantora que experimenta “no escorregar dos fonemas de letras que já não são faladas, línguas que já não são faladas” revelam sua personalidade inquieta e atuante, criativa e combatente.

Como podemos acompanhar, embora diversificados em suas temáticas e aproximações teórico-metodológicas, todos os autores confluem num ponto em comum. É preciso resistir, para continuar a existir: preservar os arquivos e lugares de memória, questionar o *status quo* das instituições, romper com hierarquias e hábitos. Em resistindo, existimos!

Após esta apresentação, desejamos que desfrute deste segundo número da Revista, com interesse e inquietação.